

ALGUMAS REFLEXÕES AVALIATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL

*Evellyze Martins Reinaldo
Tereza Raquel Santos de Oliveira*

Introdução

A Educação Infantil apresenta características próprias, portanto, deve ser trabalhada de maneira específica, por se destinar a um público que está numa fase de descoberta o tempo todo. É no ambiente das creches e pré-escolas que os pequenos vão se descobrir, descobrir o mundo a sua volta e interagir com os outros.

Desde que nascemos, estamos sempre em contato com diversos tipos de estimulações visuais, auditivas e perceptuais. Para uma criança, na faixa etária de 0 a 5 anos, é importante oferecer condições para que ela cresça como um todo, seja bem cuidada, aprenda e se desenvolva adequadamente. Não é de estranhar-se que o estudo da Educação Infantil esteja em destaque, afinal as pesquisas já apontam a relevância dos anos iniciais de vida, e o impacto desse período no desenvolvimento humano. Corroborando com essa idéia, Gadotti (1995) destaca que a Educação Infantil tem-se tornado um tema disputado por diferentes áreas do saber. Sendo agora, objeto de discussão com o avanço de estudos e pesquisas que confirmam a importância dos primeiros anos de vida para a formação da inteligência e da aprendizagem.

Neste artigo, refletimos sobre nossas vivências registradas na realidade de uma sala de Educação Infantil, ao longo do semestre 2009.1, na disciplina de “Prática de Ensino na Educação Infantil”, ofertada pela Faculdade de Educação – FAGED, da Universidade Federal do Ceará, no curso de graduação em Pedagogia. Analisamos, especialmente, as características físi-



cas desta instituição, bem como as práticas docentes e as experiências vividas com as crianças nesse contexto.

Antecedendo o contato com a instituição, tivemos encontros presenciais na FACED, destinados a estudos teóricos acerca da importância do estágio para a formação de professores; das implicações éticas e pedagógicas da inserção na instituição de Educação Infantil na condição de estagiário; da observação, registro e documentação da prática; e da qualidade na Educação Infantil.

Nossa prática foi realizada em uma creche municipal da cidade de Fortaleza, situada no Bairro Damas, que funciona, regularmente, das 7 às 17 horas, atendendo, em horário integral, 80 crianças com idade entre 1 e 3 anos, agrupadas em quatro turmas.

Desenvolvimento

Iniciamos a prática com períodos de observações, todos realizados às terças-feiras, das 13 às 17 horas. Quando chegávamos à creche, por volta das 13 horas, encontrávamos as crianças no momento do repouso que, de acordo com a rotina afixada na parede das salas (instituída pela Prefeitura Municipal de Fortaleza), deveria ocorrer das 11 horas até as 13 horas e 30 minutos. Quando saíamos, as crianças estavam sendo entregues aos familiares.

O período de participação ocorreu em 10 encontros e consistiu na colaboração ativa no desenvolvimento, com as crianças, das atividades planejadas pela professora.

A terceira e última etapa do trabalho realizado na instituição foi a regência, que objetivou elaborar e desenvolver um Projeto de Intervenção Pedagógica, junto com as crianças.

Todas as ações desenvolvidas ao longo do estágio foram subsidiadas pelo conceito de qualidade focado por Zabalza (1998), que enumera dez critérios, ou “aspectos chave” de uma



Educação Infantil de qualidade: 1) a organização de espaços, 2) o equilíbrio entre iniciativa infantil e trabalho dirigido no momento de planejar e desenvolver as atividades, 3) a atenção privilegiada aos aspectos emocionais, 4) a utilização de uma linguagem enriquecida, 5) a diferenciação de atividades para abordar todas as dimensões do desenvolvimento e todas as capacidades, 6) as rotinas estáveis, 7) os materiais diversificados e polivalentes, 8) a atenção individualizada a cada criança, 9) os sistemas de avaliação, anotação, etc., que permitam o acompanhamento global do grupo e de cada uma das crianças, 10) o trabalho com os pais e as mães e com o meio ambiente.

Em relação à estrutura física da creche e os materiais nela disponíveis, verificamos que ela conta com apenas 1 aparelho de som, 1 televisão e um DVD, dificultando o uso, já que as professoras, às vezes, querem usar ao mesmo tempo esses aparelhos. Ao longo das terças-feiras que estivemos presentes na instituição, durante os três meses de estágio, pudemos verificar que a professora Z, responsável pela sala onde permanecemos a maior parte do tempo, não usava esses equipamentos. Durante esse período, o aparelho de som só foi usado na turma A quando nós desenvolvemos atividades de dança. É interessante destacar que apesar de ser a turma que tinha as crianças de menor faixa-etária matriculadas, era a única que não utilizava esses recursos, as outras professoras utilizavam com frequência em suas salas.

A creche também dispõe de livros e fantoches, mas na turma A eles não foram utilizados em nossa presença. A professora Z não nos informou dos materiais disponibilizados pela creche para a prática pedagógica. Ao final de nosso estágio, fomos informadas pela coordenadora da creche, sobre a existência de um depósito com uma grande quantidade de materiais como cola, tinta, lápis de cor, cartolina etc. Enquanto estivemos presentes na creche, não assistimos atividades que utilizassem alguns desses materiais, o que nos pareceu foi que a professo-



ra Z não via sentido em realizar atividades diferenciadas com as crianças, como se por parte dela, houvesse um descrédito quanto à capacidade e potencialidade das crianças matriculadas em sua turma. Mesmo quando ela propunha alguma prática, dava orientações mecânicas e sem qualquer explicação para as crianças do que estavam fazendo.

O educador precisa compreender que cada criança é um indivíduo e mesmo em idade tenra produz saber e merece ser ouvida. Zabalza (1998) definiu bem a identidade dessa criança atual, um “sujeito social”:

É uma criança séria, concentrada, empenhada em ampliar — e por si mesma — seus próprios horizontes de conhecimento (através de uma constante atividade exploradora e interrogativa). É uma criança que possui grande voracidade “cognitiva”, que saboreia uma descoberta após a outra e que escolhe sozinha seus próprios itinerários formativos, suas próprias trilhas culturais, livre dos elos que impediam o seu crescimento (ZABALZA, p. 69).

Algo que nos chamou atenção foi perceber que as crianças dormiam até às 14 horas e aquelas que acordavam antes desse horário, tinham que ficar deitadas no colchonete aguardando o horário. O motivo de tal alargamento do período do repouso era devido ao horário de almoço da professora. Ela saía às 12 horas e retornava às 14 horas do seu almoço. Enquanto isso, as crianças ficavam com a “auxiliar”. Percebemos que essa prática ocorria em todas as salas da creche.

Vale ressaltar que as “auxiliares” de sala não tinham qualificação na área de Educação Infantil. Algumas delas não terminaram sequer o Ensino Fundamental. Todas conseguiram o trabalho por alguma indicação, nomeadas por elas como “politicagem”.

Na turma onde realizamos o estágio (turma A), a “auxiliar” faltava bastante e saía antes do final do seu horário de



trabalho. Por esta razão, ela foi “devolvida” para a prefeitura, ou seja, a coordenação da creche a retirou do quadro de funcionários. Por conta disso, a partir do mês de abril, a turma A ficou sem “auxiliar”.

Nós entendemos como desastroso abrigar nas salas de Educação Infantil profissionais sem uma qualificação adequada, como é o caso das “auxiliares”, que chegaram às salas por arranjos empregatícios que não reconhecem a responsabilidade dessa ação. Consideramos que o ideal seria ter em uma sala de Educação Infantil duas professoras com formação mínima na graduação de Pedagogia, uma vez que elas irão trabalhar com crianças pequenas. Como ressaltam Piaget (1998) e Vygotsky (1984), é extremamente necessário considerar a importância do período infantil no desenvolvimento humano, pois quanto mais precoces e diversificados forem os estímulos e as interações com o ambiente, maiores serão as possibilidades de a criança apresentar um melhor desenvolvimento intelectual, afetivo e social. No entanto, se esta estimulação for negligenciada, será muito mais difícil obter resultados iguais ou semelhantes mais tarde.

Sabemos que o debate quanto à qualidade da Educação Infantil no Brasil iniciou-se por uma abordagem psicológica, tendo seguimento com uma preocupação quanto ao desenvolvimento cognitivo das crianças, visando um futuro de sucesso no Ensino Fundamental. Ao longo do tempo, por meio de estudos e pesquisas, essas concepções mudaram. Ou seja, existe hoje uma nova conceituação do que é qualidade na Educação Infantil. Oliveira-Formosinho (2001), citado por Martins (2009), conclui que as perspectivas sobre a qualidade da Educação Infantil variam de acordo com os interesses políticos, os conhecimentos científicos e as opções técnicas, mas variam, principalmente, de acordo com as perspectivas dos envolvidos na Educação Infantil: pais, professores, associações profissionais e sindicais, município, comunidade local, administração (secretaria) da educação.



Nossa avaliação revela haver um olhar que finge não enxergar tais situações de extremo descaso, validando a perpetuação de tais práticas. Algo que impede propostas diferenciadas e interessantes práticas com as crianças, que lhe permitam mediar o desenvolvimento, a aprendizagem e o bem-estar das crianças.

Tendo em vista possibilitar melhorias quanto às práticas pedagógicas realizadas com a turma A, redobramos o cuidado com nosso planejamento. Procuramos criar um ambiente prazeroso, de aprendizagem, que estimulasse a expressividade, o movimento, a imaginação, a interação e a consciência corporal.

Outro aspecto que tivemos o cuidado de proporcionar modificações foi quanto à relação adulto-criança e criança-criança. Observamos que a professora Z evitava qualquer contato físico com as crianças. Somente em situações que não tinha como evitar, é que as tocava e, ainda assim, com certo distanciamento. Certo dia ela nos relatou ter repugnância das crianças, pois estas “tinham piolhos e doenças de pele”. Informou-nos que não mudaria de atitude enquanto os familiares não “cuidassem direito” de suas crianças. Por meio dessa fala, pudemos compreender melhor aquilo que vinha sendo observado. Ficou nítido para nós, o impacto desse tipo de comportamento nas crianças, refletido na interação sócio-afetiva da turma. Elas pareciam distantes uma das outras, pareciam conviver no mesmo espaço, mas de forma individualizada, sem ter noção do outro, do grupo.

Buscamos aliar o planejamento e o embasamento teórico para melhorar a qualidade da rotina dessas crianças. Realizamos atividades que tinham como objetivo desenvolver a socialização do grupo, a expressividade, a criatividade, a imaginação, a motricidade (fina e ampla), a concepção corporal, a linguagem e a leitura de imagens. Procuramos mediar o encontro da criança com novas possibilidades de aprendizagem. Práticas envolvendo a musicalização, a dança, a narração de história, a



cantiga de roda, a colagem, a pintura, a dramatização, a roda de conversa, a utilização de instrumentos de percussão.

Uma atividade que nos proporcionou satisfação foi a narração de histórias. Utilizamos livros estilo Pop Up, os quais cumpriram a função de estimular a curiosidade e a atenção das crianças com seus textos reduzidos e com suas imagens tridimensionais. Compreendemos a necessidade de envolver as crianças desde cedo no mundo da leitura, pois “é através do livro infantil que a criança irá penetrar no mundo literário e tornar-se um leitor” (DINORAH, 1995, p. 40).

A postura avaliativa que adotamos ao desenvolver as atividades com as crianças foi embasada no conceito de avaliação mediadora (RODRIGUES; LIMA, 2008, p.81). Para esses autores:

[...] a avaliação mediadora vai exigir do professor uma atuação maior junto aos alunos, pois tem a função de acompanhar, orientar e redirecionar todo o processo com vistas à promoção da aprendizagem. Desse modo, professor e aluno tornam-se indivíduos ativos perante o ensino e à aprendizagem. A necessidade de uma relação próxima, baseado no diálogo entre professor e aluno, demonstra a influência dos princípios interacionistas nessa modalidade de avaliação. De fato, este é o foco principal da avaliação mediadora, a interação entre professor e aluno, visando a patamares qualitativamente superiores de conhecimento.

Conclusão

No decorrer da disciplina de “Prática de Ensino na Educação Infantil” pudemos vivenciar concretamente aquilo que tanto estudávamos nos livros. E este artigo vem com o intuito de apresentar as análises de nossas experiências e a avaliação destas. Nem tudo que vimos e ouvimos foi positivo, o que nos move por um intenso desejo de luta por uma qualidade na Educação



Infantil, possibilitando o distanciamento do assistencialismo na Educação Infantil, tão presente nas instituições públicas.

Encontramos nesta creche materiais, espaço, crianças, professoras, mas, infelizmente, vimos que a preocupação maior, e ainda de forma inadequada, concentra-se nos cuidados com a alimentação e a higiene, ou seja, com os cuidados físicos da criança. O que defendemos é o respeito da criança como sujeito de direito, que deve ser vista como um ser que necessita mais do que somente de cuidados fisiológicos. O fato de existir diferenças entre adultos e crianças não dá direito ao adulto de se aproveitar da fragilidade e pequenez do seu corpo, duvidando e ignorando as peculiaridades da sua inteligência e sua escassa bagagem de experiências vivenciadas. Como afirma Korczak (1986), citado por Martins (2009), aos adultos cabe escolher o que ela veste, o que ela come, o uso do seu tempo. E isso, predominantemente, sem diálogo, sem lhe indagar ou explicar nada. Como afirma a autora, se delibera e decide sobre o destino das crianças sem perguntar à própria criança se ela está de acordo. E foi a essa conclusão que chegamos ao final do estágio. Deparamo-nos com uma realidade que costuma acontecer nas instituições de Educação Infantil: educadores e gestores “sabem o que é melhor” para a criança, não sentindo qualquer necessidade de indagá-la quanto ao que ela aprecia ou não.

Referências

RODRIGUES, A.M.R; LIMA, M.A.M. Avaliação da aprendizagem na Educação Infantil. In: VIANA, T.V.; RIBEIRO, A.Z.M.; CIASCA, M.I.F.L. (Orgs.) **Avaliação educacional: sentidos e finalidades**. Fortaleza: RDS, 2008.

DINORAH, Maria. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GADOTTI, Moacir. **Histórias das ideias pedagógicas**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1995.



MARTINS, C. A. **A participação de crianças e professora na constituição da brincadeira na educação infantil** / por Cristiane Amorim Martins. — 2009. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza(CE), 03/04/2009.

PIAGET, Jean. **O juízo moral da criança**. São Paulo: Papirus, 1998.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZABALZA, Miguel. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.